

sem remorsos

mary kubica

Tradução de José Remelhe



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para a minha família e amigos

PRÓLOGO

 meu telemóvel começa a tocar quando abro a porta para entrar na loja. Está enterrado nas profundezas da minha bolsa e não é fácil encontrá-lo. Empurro para o lado uma carteira e um *nécessaire*, ciente de que a procura será em vão. Nunca o encontrarei a tempo.

Toco-lhe com os dedos ao terceiro ou quarto toque. Tiro-o da bolsa, mas deixa logo de tocar. Cheguei tarde de mais. Surge no ecrã uma notificação de chamada não atendida da Sienna. Sou apanhada de surpresa. Paro na soleira da porta com o olhar fixo no número que surge no visor. Sinto-me hesitante e perplexa, porque pouco passa das dez da manhã e a Sienna está na escola, ou melhor, deveria estar. Às vezes, a Sienna envia-me mensagens quando está na escola, pegando sub-repticiamente no telemóvel quando o professor não está a prestar atenção — Hoje posso sair com a Gianna? Perdi a garrafa de água. Compraste tampões? A porcaria da máquina de calcular não funciona. —, mas nunca telefona. O meu raciocínio segue num milhão de direções diferentes e penso que, se a Sienna estivesse doente, seria a enfermeira a telefonar, se se metesse em alguma alhada, seria o reitor. Nunca seria ela a telefonar.

Não tenho hipótese de retribuir a chamada, pois o telemóvel começa a tocar outra vez na minha mão e dou um salto com o barulho inesperado. É outra vez a Sienna.

Passo imediatamente o polegar pelo visor.

— Sienna? O que aconteceu? — pergunto, e encosto o telemóvel ao ouvido. Entro para a loja e deixo a porta fechar-se para abafar o ruído exterior, o barulho dos carros a passar e das pessoas a falar ao telemóvel, absortas nas suas conversas. Percebo o pânico estridente e inconfundível na minha voz e penso que, logo de seguida, a Sienna me vai dar um raspanete por exagerar na reação, por me passar da cabeça sem motivo. *Bolas, mãe. Tem lá calma. Está tudo bem*, vai ela dizer, arrastando a última palavra para reforçar.

Não é o que acontece.

No início, não ouço nada. Quase não consigo distinguir o barulho de algo superficial, que pode ser um movimento ou o vento. Dura alguns segundos e parto do princípio de que a Sienna fez o telefonema sem querer, não me quis ligar. Tem o aparelho no bolso ou na mochila e telefonou por engano. Nem sequer sabe que me ligou duas vezes. Ponho-me à escuta, a tentar perceber onde ela está, mas é mais do mesmo. Nada me esclarece. Nada revelador.

Mas então uma voz masculina rompe o silêncio, as palavras frias e frugais, a voz alterada como se estivesse a usar um modulador digital de voz.

— Se queres voltar a ver a tua filha, faz exatamente o que eu disser.

Arquejo e arregalo os olhos. Perco o equilíbrio e caio para trás, contra a porta fechada. Tapo a boca com a mão, com força. De repente, não consigo respirar. Não consigo pensar. No início, o meu cérebro não consegue processar o que está a acontecer. Afasto o telemóvel do ouvido, olho para o visor para ver se é engano, se não estão a ligar-me do número da Sienna, mas de outro qualquer. Tem de ser engano. Não pode ser verdade, não pode estar a acontecer. Não me pode estar a acontecer.

Mas não é engano. No visor, o número da Sienna olha-me fixamente.

— Quem fala? — pergunto, encostando o aparelho outra vez ao ouvido. — E porque tem o telemóvel da minha filha?

Então, em segundo plano, ouço o grito lancinante da Sienna.

— Mamã! — grita. É um grito agudo, frenético, desesperado e então percebo que este homem não tem apenas o telemóvel da Sienna. Tem a Sienna.

Um terror puro corre-me pelas veias. A Sienna não me chama «mamã» há pelo menos dez anos. Não consigo deixar de pensar na coisa horrível que lhe deve estar a acontecer para recuar à infância e chamar-me «mamã». Estou completamente impotente. Não sei onde ela está. Não sei como chegar até ela, como a ajudar, como parar esta situação.

— Vá embora — ordena a Sienna. Tem a voz trémula, nem parece ela, que geralmente é rebelde, confiante. É inquestionável que está com medo. — Deixe-me em paz — exige, agora a chorar. A Sienna balbucia as palavras, a voz entrecortada, pelo que a enunciação não tem a mesma força que as próprias palavras.

A Sienna está aterrorizada e eu também.

— Sienna, querida! — digo, com a voz esganiçada. Ouço movimentos, ruídos abafados em segundo plano. É este homem, imagino, a dominar a

Sienna, a meter-lhe uma mordança na boca para não poder falar ou gritar, e a Sienna a debater-se, a julgar pelo som, a resistir.

Percebo que não estou a pestanejar. Não estou a respirar.

Tenho lágrimas nos olhos.

— O que lhe está a fazer? Quem é o senhor? — exijo saber a este homem, gritando para o telemóvel, pelo que todas as pessoas que estão na loja param o que estão a fazer e olham para mim, fixamente, algumas ofegantes e a tapar a boca com a mão, em choque, como se este pesadelo, de alguma forma, fosse coletivo. — O que fez à minha filha? O que deseja de mim?

— Ouça o que digo — riposta o homem, a voz modulada impávida e grave, nada como a minha. Continuo a ouvir o choro desesperado da Sienna em segundo plano, um lamento penetrante e miserável, ainda que estranho. O som é o suficiente para me pôr de joelhos, contudo não sei o que é pior: ouvir o choro da Sienna ou ouvi-lo a ficar mais longe até deixar de o ouvir por completo.

— Onde é que ela está? O que lhe fez? Porque deixei de a ouvir?

— Tem de fazer exatamente o que digo. Exatamente. Compreende?

— Quero falar com a minha filha. Deixe-me falar com a minha filha. Preciso de saber que ela está bem. O que foi que lhe fez?

— Não tenho nada a perder — diz o homem. — A senhora é a única que tem algo a perder, menina Michaels. Agora, tem de calar o bico e ouvir o que digo porque me estou a marimbar se a sua filha morrer. O que lhe acontecer depende apenas de si.

PRIMEIRA PARTE

U M

A primeira vez que a vejo no hospital é na UCI, pouco depois de sair do bloco operatório. Estou de pé à beira da porta de vidro de correr, a olhar para ela, deitada na cama do hospital, ligada a uma linha central, a um tubo endotraqueal, a um monitor de pressão intracraniana, a uma sonda nasogástrica e a outras coisas. Tem linhas intravenosas ligadas às veias, através das quais são administrados líquidos, com medicamentos como diuréticos, anticonvulsivos e provavelmente morfina. Tem a cabeça envolta em gaze. Informaram-me de que, por debaixo da gaze, há poucas horas, removeram-lhe pedaços do crânio para aliviar a pressão sobre o cérebro. Não consigo ver muito da cara dela, porque tem os olhos fechados e é só gaze e tubos, mas tudo o que consigo ver está tumefacto e com hematomas.

Não é minha doente. Outra enfermeira, a Bridget, está com ela na enfermaria, a tratar dela, a acomodá-la, contudo, senti-me agoniada quando, através do vidro, a vi ali deitada na cama. Já ouvira os murmúrios, as vozes sussurradas a dizer o que lhe acontecera, por que razão aqui está.

Hoje foram-me atribuídos outros doentes. O hospital conta com trinta camas na Unidade de Cuidados Intensivos. Estamos divididos em grupos, com dez camas em cada um, e um balcão para os enfermeiros ao centro. O rácio de enfermeiros para doente depende da gravidade do estado do mesmo. Os doentes ligados a ventiladores ou em estado crítico têm um rácio de enfermeiros para doente de dois para um, mas, no caso de doentes menos graves, podemos ter até quatro. É muito para gerir. Significa que, não obstante os nossos melhores esforços, às vezes cometem-se erros, como na semana passada quando uma enfermeira administrou por engano os medicamentos da manhã de outra pessoa a um doente. Apercebeu-se do erro logo de seguida, informou o médico e, graças a Deus, tudo se resolveu, mas nem sempre é assim.

A Bridget vê-me pelo canto do olho. Interrompe o que está a fazer, sai da enfermaria e vem pôr-se ao meu lado à beira da porta de vidro de correr.

— Olá — diz, enquanto a porta se fecha. — Já soubeste? — pergunta, inclinando-se para mim como sempre faz para mexericar.

— Já soube o quê? — pergunto, e sinto o coração a bater mais depressa, como que a preparar-se para o que ela vai dizer. Hoje cheguei tarde ao trabalho. Tive uma consulta no médico de manhã e só consegui chegar ao meio-dia. Deveria ter chegado mais cedo — a consulta acabou às nove e meia —, mas, depois do que aconteceu, percorri quilómetros a vaguear pela cidade, considerando a possibilidade de meter o dia de folga e deixar outra pessoa fazer o meu trabalho, apesar de só ter algumas horas para cobertura do turno. Porém, acabei por vir trabalhar. Tive de me obrigar a isso, mas era o que tinha de fazer. Tinha de me comportar como se não houvesse nada de errado porque, se não o fizesse, far-me-iam perguntas. Todos quereriam saber onde estava e porque não tinha vindo trabalhar e, além disso, pensei que o trabalho seria uma distração bem-vinda. Enganei-me.

— Ela atirou-se — diz a Bridget. — De uma ponte pedonal.

Respiro com dificuldade. Todos falam do mesmo, da mulher que se atirou de uma ponte com mais de sete metros de altura e que sobreviveu por pouco.

— Eu sei. Já ouvi dizer. Horrível. Como se chama?

— Caitlin — diz ela, e eu medito sobre o nome, habituando-me ao mesmo.

— Caitlin quê?

— Beckett. Caitlin Beckett.

A Bridget fala comigo como se estivesse a fazer o relatório de mudança de turno, embora a mulher não seja minha doente e não seja a mudança do turno. Informa-me de que a doente tem 32 anos, que chegou à nossa UCI depois de estar no bloco operatório, embora tenha dado entrada no hospital pelas urgências antes de ser submetida a uma craniotomia descompressiva por causa de um edema cerebral provocado por lesão traumática no cérebro. Por outras palavras, uma tumefação à volta do cérebro estava a exercer pressão sobre o mesmo. Foi preciso aliviá-la, caso contrário já teria morrido.

A Bridget continua a debitar mais informação. Às tantas deixo de a ouvir, porque não consigo desviar o olhar desta mulher. Caitlin Beckett. Não consigo deixar de pensar que só tem 32 anos. É tão nova. Abano a cabeça, sentindo-me deveras horrorizada quando penso nisso. Eu tenho 40 anos. A

diferença de idades é considerável, mas quando tinha 32 estava a começar a mostrar o meu valor. À época, parecera-me ser um dos melhores anos da minha vida. Estava casada e tinha uma filha. Era mais confiante do que alguma vez fora. Sabia quem era e já não tinha de me preocupar com tentar impressionar as pessoas.

A Caitlin está com uma bata hospitalar vulgar — engomada e branca com estrelas — debaixo do cobertor, os braços posicionados de forma pouco natural ao lado do corpo. Sinto-me agoniada, embora já tenha visto de tudo ao trabalhar como enfermeira na UCI. Esta doente não me deveria incomodar mais do que qualquer outro doente, mas incomoda, por motivos diferentes.

— Achas que vai sobreviver? — pergunto à Bridget.

— Quem sabe — diz ela, olhando em redor para ter a certeza de que estamos sozinhas. A esperança é essencial para uma enfermeira. Na qualidade de enfermeiras, temos de acreditar que todos os nossos doentes viverão, embora a probabilidade de sobrevivência para alguém nesta condição seja geralmente baixa. A maioria não sobrevive. Mesmo que sobreviva, as hipóteses de ter uma boa qualidade de vida não são muito boas.

— A família dela está aqui? — pergunto, apostando na possibilidade de morrer ou então sair do coma como uma sombra da pessoa que era.

— Ainda não. Ainda andam à procura de um familiar direto.

Olho para a cara dela através do vidro. Parece em paz, a dormir. Mas não está. A cabeceira da cama onde está deitada foi elevada, pelo que tem a cabeça e o tronco inclinados. Por debaixo da gaze, os cabelos, pelo menos uma parte dos cabelos, teriam sido rapados nos preparativos para a craniotomia. Imagino-a careca. Os lábios envolvem o tubo endotraqueal, o qual mantém as vias respiratórias abertas de forma que o ar do ventilador possa chegar-lhe aos pulmões. Perdeu a cor. Tem a pele cerosa e macilenta nos sítios onde não há hematomas roxos. Os ferimentos são terríveis. Uma fratura da anca, uma perna partida, os dois braços e costelas partidas e mais.

— É bonita, não é? — pergunta a Bridget.

— Como podes saber? — pergunto de cenho franzido. A mulher está irreconhecível. A Bridget não pode saber como ela é, com os inchaços, os hematomas e as ligaduras.

— Não sei — diz ela. — Dá para perceber. É terrível o que aconteceu. Engulo em seco. Custa-me porque tenho a saliva espessa e viscosa.

— Trágico.

— O que leva alguém a fazer uma coisa dessas? — pergunta a Bridget,

e eu nem quero acreditar que ela continue a falar assim, logo comigo, mas ela não sabe a minha história, não sabe o que aconteceu. Não sabe como isto me incomoda.

Como não respondo de imediato, ela diz:

— Tu sabes, saltar de uma ponte, suicidar-se?

Estremeço ao pensar nisso e abano a cabeça. Sinto o olhar dela na minha cara, a sondar-me, e sinto as maçãs do rosto e as orelhas a ficar vermelhas.

— Não sei.

— De todas as formas como uma pessoa se pode matar, porquê essa? — questiona a Bridget. Desejo que esqueça o assunto, mas não. Continua, fazendo valer o seu ponto de vista, dizendo em voz baixa para que ninguém que esteja a passar pelo corredor possa ouvir: — E se fosse por inalação de monóxido de carbono ou uma dose letal de morfina? Não seria mais fácil, menos doloroso?

Ela não está a tentar ser insensível. Nem toda a gente conhece a história da minha família com suicídio.

Perco a cor. Não digo nada, porque não tenho uma resposta e porque não consigo deixar de pensar sobre como teria sido a sensação da queda, de embater na terra depois de cair da altura da ponte. De repente, sinto um travo metálico na boca. Faço pressão com os dedos nos lábios e desejo que desapareça. Não consigo deixar de pensar em coisas como se perdeu a consciência durante a queda ou se estava bem desperta quando bateu no chão. Senti a barriga a subir-lhe para o peito, os órgãos a deslocar-se livremente nas entranhas como num parque de diversões, ou será que apenas senti a dor cruciante do impacto?

A Bridget pede licença e esgueira-se pela porta de vidro de correr para ir tratar da doente. Fico ali mais um minuto a ver enquanto a Bridget faz uma demonstração de afeto ao mudar a posição das mãos da mulher para cima da barriga, separando-lhe os dedos, deixando a própria mão demorar-se sobre a dela. Leio-lhe os lábios quando se debruça e pergunta:

— O que foste fazer, querida? O que foste fazer?

Naquele momento, só me ocorre uma coisa: parece impossível que tenha sobrevivido tanto tempo.

DOIS

 meu turno acaba às sete. Saio do hospital nessa noite e sigo para leste, descendo a Wellington rumo à Halsted, enquanto faço um esforço para esquecer os doentes, para não levar comigo memórias deles. É mais fácil dizer do que fazer. Por muito que tente, algumas acompanham-me. Presumivelmente, os enfermeiros devem compartimentar, ser frios, separar a vida pessoal da profissional, como quem separa comprimidos numa pequena caixa, com divisórias grossas. Ensinam-nos isso na escola de enfermagem, embora não seja assim tão fácil e não seja algo que pode ser ensinado — cuidar dos nossos doentes e gostar deles, mas não nos deixarmos envolver emocionalmente porque as emoções, dizem, provocam esgotamento, o que leva os enfermeiros a abandonar uma profissão que já sofre com a saída de muitos dos seus profissionais. É difícil porque, como enfermeiros, está na nossa natureza sermos compassivos, e essas duas características — o distanciamento e a compaixão — não jogam bem juntas.

O sol pôs-se há horas. Nesta época do ano, a noite cai cedo e depressa. Nos dias em que trabalho, praticamente nem consigo ver a luz do dia. Está escuro quando saio para ir trabalhar de manhã e está escuro quando vou para casa.

Enquanto caminho, envio uma mensagem de texto à Sienna, a lembrá-la de que chegarei tarde e ela responde com um fugaz «K». Pergunto se ela se lembrou de fechar a porta da frente, ao que responde «Sim». Nestes últimos dias, a porta do nosso apartamento não tem fechado bem. O trinco nem sempre encaixa. Deveria ser apenas um incómodo, só que tem havido uma série de arrombamentos na vizinhança nos últimos tempos. O crime, em geral, tem aumentado por toda a cidade. *Carjackings*. Assaltos à mão armada. Na semana passada, uma mulher foi seguida até ao prédio de apartamentos onde vive em Fremont. Foi atacada, espancada e assaltada na caixa de escada. O meliante partiu-lhe o nariz e um braço; levou-lhe a

bolsa com tudo o que tinha dentro, todo o dinheiro, os cartões de débito e de crédito. Tem sorte em estar viva.

A polícia continua à procura do criminoso, o que me deixa irritada. Não consigo deixar de pensar que esse homem anda por aí a atacar mulheres e interrogo-me se já se fartou ou anda à caça da próxima vítima. Só de pensar, certas noites nem consigo dormir. Não ajuda o facto de Fremont ficar a apenas dois quarteirões do sítio onde moro com a Sienna. Já pedi duas vezes ao senhorio para consertar a porta, mas está ocupado. Diz que o fará, mas ainda não fez.

Trancaste-a?, pergunto à Sienna numa mensagem de texto.

Sim, responde ela, e quero perguntar se tem a certeza, dizer-lhe para verificar de novo se a porta está trancada, mas não quero parecer paranoica nem dar-lhe motivos para ter medo, por isso fico-me por ali.

Despeço-me e guardo o telemóvel na bolsa. Na Halsted, viro à esquerda e caminho para Belmont. Esta noite, a Halsted está movimentada, cheia de pessoas a regressar a casa depois do trabalho, pelo que a atmosfera está elétrica, a zunir com o barulho de vozeares e automóveis. Começou a nevar, um súbito bombardeamento de flocos de neve grandes e grossos. As temperaturas não estão abismalmente baixas por causa da neve, mas mesmo assim protejo a cabeça com o capuz para me manter seca, enfio o queixo no casaco, meto as mãos nos bolsos e estugo o passo.

A igreja fica na zona norte de Belmont e, com este tempo, tem um aspeto digno e majestoso. É pitoresca com a neve a cair desta forma, parece saída de um quadro de Thomas Kinkade. Quando chego a Belmont, espero que o autocarro 77 passe e depois atravesso a rua a correr até à igreja. O edifício é do estilo Tudor gótico, com torres e íngremes escadas de betão que dão acesso a três sólidas portas de madeira nas entradas em arco, cercadas de janelas com vidros coloridos. A igreja está ligada à escola da paróquia, pelo que o recinto ocupa quase um quarteirão inteiro.

Subo os degraus, abro as pesadas portas de madeira e entro. Fico grata quando as portas se fecham e a cidade fica lá fora. O interior da igreja é completamente diferente do exterior. É silencioso e quente, a iluminação é difusa e o ambiente calmo e atmosférico. Mais à frente, depois de passar por outras portas, fica a nave da igreja, onde há filas e mais filas de bancos vazios e etéreas janelas de vidro colorido.

Mesmo à minha frente, está uma mulher sozinha no nártex. Está a usar um casaco de inverno branco até às coxas e um gorro preto, com uma aparência muito composta, enquanto eu estou de sapatilhas e com

o uniforme de enfermeira, que é de um azul carregado e sem brilho, macio e ridiculamente confortável, mas não propriamente elegante. A Sienna dava-me um raspanete se soubesse que estou a usá-lo outra vez em público.

— Parece perdida — digo, com um sorriso, enquanto limpo os pés no tapete e me aproximo.

A mulher é mais ou menos da minha idade ou mais nova, morena e tem uns olhos escuros a complementar o casaco branco. Nas pernas traz umas calças de ganga justas, enfiadas nos canos de umas grandes galochas de sola de borracha com pelo nas dobras, e eu lamento trazer as sapatilhas numa noite como esta, ciente de que, quando regressar a casa, a neve pode já ter uma altura suficiente para me cobrir os pés.

A mulher ri consigo mesma — dela mesma. Um riso nervoso, como um riso sufocado.

— Acho que sim — diz, e permite-se perscrutar o espaço, onde não há indicações, nada nem ninguém para dizer-lhe onde se deve dirigir. — Não sei se é aqui que devo estar.

— Veio por causa do grupo de apoio a divorciados?

Ela ri outra vez com nervosismo, como quem se rebaixa a si mesma.

— É assim tão evidente?

— Não, é claro que não — apresso-me a dizer. — É que eu própria vou para lá e, que saiba, hoje não há outros encontros aqui. Geralmente é só o nosso grupo. — Respiro fundo e modifico o tom. — Não precisa de estar nervosa — digo, com a esperança de não estar a ir longe de mais, mas a interpretar a postura e a linguagem corporal dela. — Quero dizer, pode estar. Toda a gente fica nervosa da primeira vez, mas não há mesmo motivos para tal. Sou a Meghan — digo ao aproximar-me o suficiente para estender a mão, que a mulher aperta na dela, que de algum modo está quente apesar do frio lá fora, e interrogo-me há quanto tempo estará no nártex, à espera que alguém chegue para a ajudar. — Meghan Michaels.

A expressão da mulher muda. Inclina a cabeça e franze o cenho, uma expressão que denota incredulidade a toldar-lhe o semblante. Arregala os olhos como que para me assimilar na íntegra.

— Meghan Michaels? Da Secundária de Barrington, turma de 2002? — pergunta, e eu assinto vagamente com a cabeça, o cérebro a tentar perceber, a tentar fazer uma ligação. Eu andei na Secundária de Barrington, mas já foi há muito tempo. Fica a cerca de uma hora do sítio onde moro agora, mas os meus pais deixaram essa vila suburbana um ano depois de eu concluir

os estudos e nunca mais lá voltei, nem sequer mantive o contacto com os amigos da secundária.

— És mesmo tu — diz ela, como que a perceber as semelhanças entre mim e a adolescente que fui. — Sou eu — diz ela, levando a mão ao peito. — A Nat Cohen. Natalie. Andámos juntas na secundária.

— Oh, meu Deus — digo eu, feliz, mas em choque. A Natalie Cohen. A Nat. Não ouço esse nome há mais de vinte anos. Está diferente, mas todos estamos. Tem a cara mais estreita, menos arredondada, e o cabelo mais comprido do que me lembro. Era costume usá-lo curto com um pequeno puxo e não sei quando tomou a decisão de o deixar crescer. Comprido, é maravilhoso. *Ela* é maravilhosa. A Nat sempre foi bonita, mas na secundária tinha um ar arrapazado que agora desapareceu. Envelheceu incrivelmente bem. Não tem rugas como eu e, futilmente, interrogo-me se usa Botox, preenchimentos injetáveis ou injeções de rejuvenescimento, ou se foi abençoada com bons genes. Eu e a Nat fomos da mesma turma. Jogámos ténis juntas, mas ela sempre foi muito melhor do que eu.

Abro os braços e passo-os à volta dela, consciente de como é agradável estar tão perto de algo do meu passado. Deixo-me absorver; fico assim um minuto de mais. Vêm-me à memória recordações da escola secundária, de tempos mais simples e mais felizes que me deixam nostálgica. Ao soltá-la, digo:

— Nem acredito que és mesmo tu. Como tens passado? Onde moras? Ainda jogas ténis? — Não me consigo coibir de fazer tantas perguntas. Quero perguntar ainda mais, mas como é que se pode pôr a conversa de vinte anos em dia, em especial quando só faltam alguns minutos para a reunião começar?

— Já estive melhor — diz ela.

— Meu Deus, é claro. Que pergunta estúpida — digo, e sinto-me uma insensível, ou até mesmo uma estúpida, porque aqui estamos nós, prestes a participar numa reunião para divorciados. Ninguém que participa nestas reuniões está a viver os tempos mais felizes. Estamos todos no limbo, a tentar encontrar formas de avançarmos e sermos felizes.

— Deixaste crescer o cabelo — digo, porque, mesmo com o gorro, as longas madeixas de cabelo chegam-lhe abaixo das clavículas. — Adoro. Fica-te bem.

— Obrigada — diz ela. — Aquele velho corte desgrenhado teve de ir.

— Estás fantástica. A sério. Há quanto tempo estás aí à espera?

— Há dez ou quinze minutos. A verdade é que... — diz, relaxando

nitidamente, agora que está comigo — ... não sei se deveria estar aqui. Não sei se *quero* estar aqui.

— Não, eu percebo — digo. — Não estás sozinha. Da primeira vez, nem sequer entrei. Cheguei ao edifício, mas depois, algures mesmo à porta, mudei de ideias. Acobardei-me, dei meia-volta e voltei para casa. Tive a certeza de que todos seriam insuportáveis e não teríamos nada em comum a não ser estarmos divorciados. Regressei umas semanas mais tarde e dessa vez fiquei e gostei muito da sessão e das pessoas. Não são nada insuportáveis, mas sim simpáticas e bondosas. Acho que vais gostar delas. É por aqui — digo, e dou um passo para as escadas para ela me seguir. — Vem comigo. Podemos pôr a conversa em dia depois da reunião, quando tivermos mais tempo. Tenho tantas coisas para te perguntar.

Nesse momento, atrás de nós, as pesadas portas da igreja abrem outra vez e viro-me ao ouvir a súbita investida de barulhos da cidade que se infiltram no silêncio da igreja. É o Lewis, outro membro do grupo, que está a chegar. Pelo canto do olho, reparo que a Nat estremece ao ouvi-lo, uma reação desproporcionada em relação ao barulho. Permito-me a olhá-la, embora ela tenha os olhos fixos no Lewis, a observá-lo enquanto bate as botas pesadas no tapete, coberto de neve, o que nos lembra da tempestade lá fora. Só quando ele puxa o capuz para trás e ela o consegue ver melhor — a cara redonda e pueril e os olhos benévolos que contradizem o corpanzil — é que relaxa, o corpo a afrouxar, os punhos cerrados a abrir devagar.

A previsão meteorológica aponta para que esta noite caiam dez centímetros, mas é sempre uma incógnita. Podem cair dois centímetros ou vinte e cinco.

— Está uma bela noite — diz o Lewis ao passar por nós e não consigo perceber se está a gozar ou a falar a sério, embora seja deveras bela. O primeiro nevão da estação tem algo de mágico.

Volto a fitar os olhos da Nat quando ele desaparece na escadaria.

— É apenas o Lewis — esclareço, sem saber o que a assustou tanto na chegada dele. — É um tipo impecável. A mulher trocou-o por outro gajo quando ele se despediu do emprego bem remunerado numa empresa para fazer algo que achava mais gratificante. Vai-se a ver e ela amava mais o dinheiro dele do que o próprio. O que te parece? — pergunto, indicando as escadas com a cabeça. — Queres experimentar? Nem sequer precisas de falar. Podes ficar só a ouvir — digo. A líder do grupo, a Faye, é terapeuta, mas, tal como todos os outros, é divorciada. O mantra dela é que este é um lugar seguro para nos ouvirmos uns aos outros, para dar apoio, para nos

fortalecermos mutuamente e nos sentirmos menos isolados por causa dos divórcios.

Posto isto, da primeira vez que aqui vim tive relutância em abrir-me. Cheguei a pensar que apenas iria ouvir e observar. Lembro-me de como me sentei na cadeira a olhar para o círculo de rostos à minha volta, que eram afetuosos, francos e recetivos, o que me aplacou os nervos causados pela ansiedade e, quando nessa noite a Faye perguntou se alguém queria partilhar a sua história com o grupo, senti a mão a levantar-se por instinto.

— Sou divorciada — dissera, percecionando um ligeiro tremor na voz, questionando-me se mais alguém se apercebera. — Mas já devem saber isso. Por que outro motivo estaria aqui se não fosse divorciada? — Rira de mim mesma então. Os outros também riram — comigo, não *de* mim — e achara isso encorajador. Depois disso, as palavras saíram com mais facilidade e pude dizer-lhes que tinham passado meses desde que pedira o divórcio. — Dizer que tenho passado as passas do Algarve é um eufemismo, embora tenha sido eu a deixá-lo. Em certo sentido, eu é que pedi isto. Isto é obra minha. — Respirara fundo e percebera que o tremor desaparecera. — Creio que aquilo que torna tudo tão difícil é não conhecer ninguém que seja divorciado. É estranho porque cerca de cinquenta por cento dos casamentos acabam em divórcio, não é? Então, como é possível que não tenha acontecido a nenhum conhecido? Faz-me sentir uma espécie de anomalia. Ninguém sabe a um nível pessoal aquilo por que estou a passar. Tenho amigos fantásticos que são extremamente compreensivos, mas senti que me estava a afastar deles nos últimos meses. Simplesmente deixámos de ter tanto em comum. Quando passamos por um divórcio, temos de enfrentar muitos problemas, como criar uma filha sozinha, direitos de custódia e visitas, alterar o testamento e o nome, acabar com a conta conjunta, tentar obter o meu próprio crédito porque tudo o que tínhamos estava em nome do Ben, pelo que não tinha um historial de crédito próprio. Não tenho ninguém na minha vida com quem possa falar sobre isto.

Lembro-me de como parara neste ponto e inspirara profundamente, sentindo-me constrangida porque dissera muito mais do que pretendia, mas também com a sensação de que fora catártico.

— Desculpem, não me queria alongar tanto.

— Não — dissera a Faye. — Não te arrependas. Nunca peças desculpa, Meghan. É para isso que estamos aqui, para ouvir os outros e apoiarmo-nos uns aos outros. Todos os presentes nesta sala estão a enfrentar os mesmos problemas.

À minha volta, todos estavam a assentir com a cabeça.

Depois, pedira-me para falar um pouco sobre o Ben ao grupo. No início, não soubera bem como o descrever. Quando nos conhecêramos, o Ben era um sonho. Andávamos na secundária, numa época em que uma carreira e filhos estavam num futuro tão longínquo que nem sequer pensávamos nisso. Eram coisas que não existiam, nem nos nossos sonhos mais insensatos. Mais de vinte anos depois, eu não era feliz, o Ben não era feliz e, por arrasto, a Sienna não era feliz. Eu e o Ben estávamos sempre a discutir. Ele estava muito focado no trabalho e ficava chateado quando lhe pedia para a família também ser uma prioridade, pois achava que eu estava a ser insensível, que não o apoiava ou à carreira dele, o que não era a minha intenção. Só queria que o Ben nos desse mais atenção, a mim e à Sienna. Então, começara a pensar, cada vez mais, que estaria melhor sem ele, porque estar sozinha e sentir-me solitária era melhor do que sentir-me negligenciada e ignorada. Porém, durante anos, o medo do desconhecido impedira-me de o deixar. O motivo que me levava, por fim, a avançar, não fora eu, mas a Sienna, porque não quis que visse o nosso modelo de casamento. Quis que ela soubesse que um casamento pode ser pleno de amor, felicidade e respeito mútuo.

Agora, digo à Nat:

— Antes de começar a vir aqui, poucas coisas seriam pior do que entrar numa sala cheia de desconhecidos e comunicar os pormenores de uma das experiências mais dolorosas da minha vida, mas agora percebi que o pior é passar pela experiência sozinha. — Faço um compasso de espera para deixar as palavras assentar, depois, indicando outra vez as escadas, pergunto: — O que achas? Queres experimentar?

— Está bem — diz, rendendo-se.

Descemos as escadas juntas até ao salão paroquial, onde as grandes mesas redondas foram afastadas para haver espaço para um círculo de cadeiras dobráveis pretas ao centro do espaço. Quando chegamos, a Faye já deu início à sessão e temos de nos sentar nas duas últimas cadeiras livres, que ficam em lados opostos do círculo e, de longe, vejo a Nat a bambolear-se para despir o casaco e a pousá-lo nas costas da cadeira. Passa a reunião em silêncio. Ouve, mas não fala e não a censuro por isso. Em determinada altura, tira o gorro da cabeça e é então que, ao passar uma mão pelo cabelo, afastando tufos da frente dos olhos, vislumbro um hematoma na parte de cima da testa, abaixo da raiz dos cabelos. Demoro algum tempo a perceber e fico chocada com o tamanho do hematoma e a cor vermelho-viva, como se fosse recente. O que quer que tenha acontecido, aconteceu há pouco

tempo, talvez hoje. Fico a olhar embasbacada mais tempo do que deveria, interrogando-me como é que fez aquela pisadura. Eu própria já fiz muitas coisas disparatadas e desastradas, e se calhar foi só isso.

Mas também pode ser mais do que isso.

A Nat levanta a cabeça nesse momento. Os nossos olhares cruzam-se. Engulo em seco e esboço um sorriso culpado, sentindo-me constrangida por ser apanhada a olhar. Ela leva a mão ao ferimento de forma instintiva. Tateia-o, passando os dedos pelo inchaço mole, depois puxa alguns cabelos para o esconder. Depois, como se estivesse com medo de isso não bastar, volta a pôr o gorro.

Desvio o olhar. Tento ouvir os outros a falar, mas não consigo deixar de olhar para a Nat. A nódoa negra está escondida, mas não esquecida.

Quando a sessão termina, agarro no casaco e começo a caminhar para a Nat, mas, antes de chegar à beira dela, outra mulher, chamada Melinda, avança para mim e diz:

— Olá, Meghan, tens um minuto? — Não espera pela resposta e vejo a Nat a olhar para mim de relance e depois a vestir o casaco e a encaminhar-se para as escadas. — Queria perguntar-te acerca da escola onde a tua filha anda, em específico como é o processo e o exame de admissão. A minha mais velha vai para a secundária em breve e começámos a ver escolas privadas na zona. No mínimo, é avassalador. — Quando, por fim, chego lá acima, a Nat já está na entrada. Está longe de mais para a alcançar, pelo que só posso ficar a vê-la a empurrar as pesadas portas de madeira para a onda de neve, que vem puxada a vento e entra pela porta. Assim que sai, para, a observar os rostos dos transeuntes. Puxa o capuz para a cabeça e solta a porta, que se fecha devagar, mas antes ainda consigo ver a Nat a desaparecer no meio de um grupo de pessoas que vão a passar.

Mais tarde, saio da igreja para o frio e a neve sozinha, a respiração a formar nuvens, sem saber se voltarei a ver a Nat e se ela regressará.

Enquanto caminho, penso na nódoa negra, ainda que não tanto na nódoa negra propriamente dita, mas na forma como a Nat foi tão rápida a escondê-la. Dou por mim preocupada com ela, sem saber para aonde vai e para junto de quem.

A neve acumulou-se bastante na última hora mais ou menos, cobrindo os passeios e as ruas. Os automóveis e os autocarros passam devagar. Será proibido estacionar em certas ruas durante a noite, para os limpa-neves da autarquia poderem trabalhar antes da hora de ponta da manhã.

Apanho a Linha Vermelha que sai de perto da igreja e segue para norte.

São quase nove horas e sinto-me inquieta por estar na rua a esta hora, preocupada comigo mesma e com a Sienna, que está em casa sozinha. Nunca tive medo nesta cidade, até à recente vaga de assaltos e ataques, que deixou a vizinhança em sobressalto.

Saio da Linha Vermelha na Sheridan e dou à sola desde aí, ansiosa por chegar a casa e constatar com os próprios olhos que a porta do nosso apartamento está fechada e trancada e que a Sienna está bem.